



TRAVESTIS: CORPO, MODA E GÊNERO

Emerson Roberto de Araujo Pessoa/UEM

Ivana Guilherme Simili/UEM

Resumo: Este texto tem por objetivo examinar as transformações no corpo, realizadas pelas travestis com vistas a entender as articulações entre as produções de aparências pelos sujeitos e as construções de gênero. Pretendemos mostrar, por meio da análise das narrativas orais que o corpo transformado, mediante intervenções que abrangem a ingestão de hormônios e o uso de silicone, juntamente com os artefatos indumentários e cosméticos provenientes da moda, são vetores de comunicação acerca das mudanças operadas pelos indivíduos sobre os corpos, produzindo aparências que permitem questionar premissas e balizas naturalizantes que relacionam o sexo, o corpo e as roupas. O fio condutor da análise possibilitou entender as construções históricas e culturais que cercam as relações dos sujeitos com suas corporeidades e as maneiras de se vestir.

Palavras-chave: Corpo; Moda e Gênero

Introdução

O universo social é formado por várias personagens que intrigam, incomodam, inquietam porque suas práticas de vestir e viver o corpo rompem com conceitos históricos, sociais e culturais que associam as roupas aos sexos, com sentidos naturalizantes, atemporais. Uma delas são as travestis. Personagens excêntricas, as travestis podem ser definidas como homens que modificam os seus corpos com os recursos da medicina (hormônios, silicões e plásticas) e da moda (roupas, acessórios e maquiagem), criando uma aparência que culturalmente é definida como pertencente e condizente ao sexo feminino.

Considerando que as “correções” corporais e os artefatos indumentários ocupam papéis importantes na transformação e caracterização do corpo masculino em feminino, produzindo novas aparências e sentidos para o corpo, este texto tem por objetivo desvelar a relação entre corpo, aparência e os gêneros por meio da análise das informações produzidas pelas travestis nos procedimentos de transformações corporais, mediante o emprego de próteses, de hormônios, plásticas e do vestuário.

Se papel da medicina e das tecnologias na regulação e controle do corpo e da sexualidade é patente nessas reflexões introdutórias, Goellner (2003, p.28) a corrobora, ao

comentar que “o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz.”.

Berenice Bento (2006, p.04) afirma que “o gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada” aos sexos masculinos e femininos. Na análise das entrevistas e dos fragmentos visuais, o papel desempenhado pela medicina foi associado ao da indumentária para mostrar que a transformação e caracterização do corpo masculino em feminino, ao ocultar traços e vestígios e produzir novos sentidos para a aparência, trazem os vestígios que possibilitam entender as articulações entre corpo e gênero. Investigamos, portanto, os modos pelos quais referidas personagens ao comporem visuais femininos com a utilização da tecnologia e da indumentária, criam representações “femininas” ou componentes de “feminilidades”, contribuindo para borrar e confundir as normas estabelecidas para o masculino e feminino e os padrões estabelecidos para a masculinidade e feminilidade, os quais são fabricados e produtos dos contextos históricos, sociais e culturais.

Com base nas premissas teórico-metodológicas desenhadas por Goellner (2003) e Bento (2006) que abordamos os atos e feitos das travestis sobre os corpos, produzindo corporeidades com os sinais do avanço tecnológico da medicina e das próteses, os quais são influenciados pela moda. Mostraremos que, por intermédio da análise das fontes orais (entrevistas) que as travestis ao usarem os conhecimentos e das tecnologias provenientes da medicina e da moda para mudar o corpo, elas operam mudanças que permitem entender como suas práticas rompem com a relação histórica, social e cultural que associa o corpo ao sexo e às roupas.

Desse modo, o encaminhamento deste texto será pautado na hipótese que vem norteando o estudo, que o corpo transformado pela travesti permite explorar as definições de gênero ao revelar as ambiguidades, as incertezas, as pluralidades inscritas nas práticas dos sujeitos históricos, mediante atos de mudanças corporais e estéticas, os quais são criadores de visualidades e performances com teores de feminilidade.

Procedimentos metodológicos: a história oral como fonte de pesquisa

Em razão da perspectiva de análise adotada na pesquisa, de investigar o corpo e a indumentária das travestis com vistas a entender as relações entre corpo e construções de gênero em suas relações com a medicina e a moda, nossas fontes de consulta foi a realização de entrevistas pautada pela metodologia da história oral.

A história oral é definida por Verena Alberti (2005, p. 155-157) como uma técnica de pesquisa e de levantamentos de fontes que utiliza de entrevistas para a sua realização, segundo a autora três momentos devem orientar a captação das fontes orais: a preparação das entrevistas, sua realização e o tratamento das informações coletadas.

As orientações de Alberti (2005) foram tomadas como guias para o encaminhamento da pesquisa: a coleta de dados, a transcrição e a análise do material. O questionário foi organizado com perguntas do “tipo semi-diretiva”, que segundo Rosália Duarte (2002, p.147), define-se como “uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos”. Portanto, na preparação das perguntas para as entrevistas foram estabelecidas questões que fornecessem informações sobre as relações e as articulações entre corpo, medicina, indumentária e os gêneros.

Quanto ao roteiro da entrevista, foram abordadas questões sobre as idades dos sujeitos; as sensações e os sentimentos experimentados nas transformações corporais, principalmente, ao se verem como mulher; à maneira como os detalhes do corpo masculino, dadas suas características anatômicas, eram escondidos e como se processava a construção/fabricação do feminino com a indumentária? Abordamos também aspectos relacionados às intervenções das mudanças anteriores ao ato de vestir, como a aplicação de hormônios, a colocação de próteses mamárias. Enfim, procuramos produzir registros sobre como os significados eram criados para pelas travestis para o feminino? Consideramos que, por meio dessas perguntas foi possível dimensionar as práticas dos sujeitos nas suas relações com o corpo e as roupas e/ou o sexo e os gêneros.

Em nossa pesquisa, dos cinco contatos feitos, conseguimos entrevistar apenas três sujeitos, os demais apesar do contato não tinham tempo disponível para a realização da entrevista. São elas: Rafaela, Asahi e Jennifer. Os nomes usados neste trabalho foram

autorizados pelas personagens. É importante registrar que são os nomes com os quais utilizam para realizar as suas tarefas diárias e são reconhecidas por familiares e amigos.

As entrevistas duraram entre 30 e 60 minutos. Não podemos deixar de mencionar que todas as entrevistas foram realizadas de forma tranqüila, onde a cordialidade e a descontração foi um dos aspectos mais marcantes, este fato pode ser elucidado pelas longas conversas travadas após a aplicação do questionário, sobre assuntos comuns da vida cotidiana, os dilemas dos sujeitos e suas inquietações sobre a pesquisa e o próprio pesquisador.

Chantal Tourtier-Bonazzi (1996, p.239) nos diz que “toda transcrição, mesmo bem feita, é uma interpretação, uma recriação, pois nenhum sistema de escrita é capaz de reproduzir o discurso com absoluta fidelidade”. Esta premissa orientou a transcrição das fitas e das informações prestadas pelos entrevistados, as quais foram anotadas no caderno de campo. Alguns critérios teórico-metodológicos orientaram a transcrição dos materiais verbais das entrevistas. Na reprodução do material gravado, as anotações feitas no caderno de campo possibilitaram avivar a memória dos fatos, lembrar gestos e posturas. Após este processo, houve o cuidado de verificar a compatibilidade entre nossas transcrições e o conteúdo das fitas.

A história oral oferece aos sujeitos a possibilidade de expor os dilemas sociais vivenciados. No caso, as travestis trouxeram para as narrativas os preconceitos sociais que enfrentam, seus dilemas corporais, seus problemas familiares e sociais.

Neste sentido Helio Silva (1993, p.82) afirma que “evitar apreensão viária do travesti, conversar com eles, ir ao cinema, convidá-los a nossa casa, visitá-los na casa deles é inscrevê-los no circuito do humano, retirá-los da vitrine viária, da terra encantada onde florescem fadas e monstros, para situá-los no contexto de onde pode emergir o sentido e o afeto”.

Esta condição pode ser analisada sobre a ótica de Esquivel e Sant’Anna (2008) os autores nos dizem que:

é interessante notar como determinadas práticas corporais, modificações e violações do corpo não causam qualquer mal-estar nos indivíduos em geral, porém quando é uma prática realizada por uma minoria e se, ainda,



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

por uma minoria sem poder, que está à margem da sociedade, há uma discriminação muito forte. (2008, p. 6)

Isto posto, acreditamos que a metodologia usada por nós, neste trabalho, vem se constituindo como mecanismo que tem tornado possível adentrar e conhecer o universo das travestis, para estudar as transformações corporais mediante as práticas da medicina e da moda, em seus diálogos com o gênero.

Berenice Bento (2004) afirma que todos nós somos operados pelos gêneros desde que nascemos. Segundo a autora, a notícia do sexo do bebê pela mãe é acompanhada pela criação de expectativas e imagens de gênero. Por exemplo, se o sexo do bebe é masculino, pressupõe-se que será um menino vai gostar de carrinhos, de bolas e que a cor preferida será o azul; se for menina gostará de bonecas, de brincar de ser dona-de-casa, de mamãe e de professora e que a cor preferida será o rosa. Em suma, o que Bento pretende dizer com esses exemplos, é que quando o corpo da criança sair do ventre materno:

[...] já carregará um conjunto de expectativas sobre seus gostos, seu comportamento e sua sexualidade, antecipando um efeito que se julga causa. A cada ato do bebê a/o mãe/pai interpretará como se fosse a 'natureza falando'. Então, pode-se afirmar que todos já nascemos operados pelos gêneros, que todos os corpos nascem 'maculados' pela cultura. (BENTO, 2004, p.125).

Portanto, as travestis, com as transformações produzidas sobre e para o corpo, nas quais se incluem também as roupas, oferecem materiais para pensar suas práticas sob o foco de gênero. Rodrigues (2006, p.62) ao pensar sobre os ritos de nascimento, nos afirma que quando a criança nasce “é necessário incorporá-la, por meio de procedimentos simbólicos e dar-lhe um lugar particular no sistema social, aplicando-lhe um nome, atribuindo-lhe papéis, fazendo-a, enfim, nascer socialmente.”

Sendo assim, a travesti passa por uma segunda operação, realizada no decorrer de toda a sua vida, por meio da medicina e da cosmética, tendo como meta a transformação do seu corpo no mais feminino possível, demonstrando que “alterar aperfeiçoar, punir, embelezar, cuidar dos corpos são praticas recorrentes na historia da humanidade e expressam diferentes valores culturais” (FIGUEIRA, 2003, p. 125)

Considerando que a travesti vive seu corpo de uma forma não condizente socialmente com o seu sexo, quais são as práticas de intervenções e de mudanças

realizadas sobre o corpo? Como os conhecimentos da medicina e da moda são empregados?.

Corpo, sexualidade e tecnologias da medicina.

Neste ponto vale lembrar o que escreveu Pelúcio (2005): o processo de transformação do sujeito travesti é composto por vários processos tecnológicos e médicos, o:

processo de feminilização que se inicia com extração de pêlos da barba, pernas e braços, afina a sobrancelha, deixa o cabelo crescer e passa a usar maquiagem e roupas consideradas femininas nas atividades fora do mundo da casa. A seguir, começam a ingestão de hormônios femininos (pílulas e injeções anticoncepcionais e/ou de reposição hormonal), passando por aplicações de silicone líquido nos quadris e, posteriormente, nos seios, até chegar (e nem todas podem fazê-lo por absoluta falta de dinheiro) a intervenções cirúrgicas mais radicais – plástica do nariz, eliminação do pomo-de-adão, redução da testa, preenchimento das maçãs do rosto e colocação de prótese de silicone.” (PELÚCIO, p.225).

Assim, a transformação do corpo masculino em feminino desprende um elevado nível de tempo, saberes médicos, dor e capital.

Em nossa pesquisa de campo todos os sujeitos afirmaram que começaram as intervenções corporais antes ou durante o décimo oitavo ano de vida, primeiramente com a ingestão de hormônios, Rafaela disse o seguinte: “Primeiro, tomando hormônio, e tal, e o hormônio, assim eu não sei, vai dando um peito legal, vai dando bumbum, coxa, vai começando a dar pequenas transformações. De dois a três meses você já está com um corpo legal, depois eles começam a diminuir barba, a voz, o tom de voz vai mudando, isso para algumas, não para todas, né?”

A transformação do corpo com cirurgias plásticas e aplicação de silicone são mudanças nem sempre feitas por todas as travestis, já que é necessário um alto valor de dinheiro para a sua realização. Asahi 20 anos, estudante de moda e ainda dependente dos pais me diz o seguinte: “Ah, primeiro você tem que se ajeitar, né? Para depois você fazer estas coisas mais radicais, por que infelizmente eu não sou tão independente assim, entendeu?” Rafaela, 32 anos, começou a se hormonizar aos 16 e trabalha como garota de programa me diz o seguinte: “Eu não tive muita mudança, porque, eu não quero colocar silicone industrial no meu corpo, então eu estou juntando um bom dinheiro, para colocar prótese mesmo, no quadril, só, meu peito para mim esta ótimo do jeito que esta”

É possível notar no discurso de ambas, que a vontade de realizar uma cirurgia plástica é existente, porém a falta de recursos financeiros e a dependência de outras pessoas não permitem a sua concretização, Jennifer outra entrevistada de 28 anos, que foi trabalhar na Europa aos 19, tem o corpo mais tecnológico entre as três entrevistadas, suas modificações: “tenho duas plásticas no seio, tenho duas lipos, tirei uma costela, fiz meu nariz, fiz minha boca, meu queixo e minha bochecha. E esta isso aqui. Rs.”

Conforme destacado por Pelúcio (2005, p.12) “as viagens a Europa é considerado pelas travestis como um grande sonho, já que nos países do Velho Mundo a ascensão social é mais fácil, juntamente com a aceitação pela sociedade e a aquisição de bens de consumo”, este é um dos motivos das modificações de Jennifer, a maioria de suas cirurgias foram feitas na Europa, sendo algumas feitas em São Paulo.

O cuidado com o corpo é assunto recorrente nas entrevistas, todas as entrevistadas realizam algum tipo de cuidado especial para manter e melhorar o corpo, Asahi, por exemplo, me disse o seguinte: “Agora eu estou tomando uma pílula por dia, porque eu não estava gostando da injeção, mas eu vou voltar para injeção, para cuidar do fígado, né? Para poder beber, por que não dá para ficar só com a pílula, não pode beber”. Podemos notar que o processo de transformação requer uma disciplina intensa de “o que pode” e o “que não pode”. No diálogo estabelecido com as travestis fica visível que a transformação requer inúmeras abdições, todas tendo como meta a transformação do corpo no mais feminino possível e com os mínimos de “defeitos. Rafaela frisa, no entanto, que o maior “cuidado é: ser mulher, se você quer homenagear as mulheres, quer ser travesti, é se cuidar como tal, é se ver como tal, então tudo que é bonito, tudo que é feminino, tudo que você acha que combina com você...”

O corpo ainda é apontado como aspecto mais importante nas vidas do grupo estudado, Rafaela afirma a real preocupação com ele: “O meu corpo para mim é tudo, porque ele é que me mantém, né? É ele que dá o meu sustento, é do meu corpo... É por isso que eu falo tem que amar muito o corpo, tem que cuidar, tem que gastar”, na sua fala é possível notar a valorização excessiva desta faceta de sua vida, já que para a entrevistada além de uma preocupação com a aparência, existe também uma preocupação financeira, que requer não somente cuidados, mas também investimentos.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Outro aspecto comum enfrentado diariamente pelas travestis e a marginalização e criminalização social do corpo modificado, já que quebrar com mecanismos tão importantes para a reprodução da vida social pautada na relação sexo/gênero/desejo, dentro dos modelos heteronormativos, faz com que a maioria da sociedade tenha uma visão preconceituosa, Rafaela neste sentido é clara:

(...) eu sou muito corajosa, só o fato de você tomar hormônio e de se assumir para uma sociedade tão medíocre, já mostra que você é bem mais macho, do que muito macho que tem por aí, ainda mais quando você deixa seu cabelo crescer, coloca um salto alto e sai encarando todo mundo, olha só, não é muito afronte para uma sociedade tão podre? Não é muito coragem? Você corre o risco de levar ovada, bananada, pedrada no meio da rua e você sempre esta ali muito feliz é quer fazer alguém feliz.

O alto grau de preconceito sofrido por estes indivíduos, que incluem violência simbólica e física, frutos da cultura machista e homofóbica que estamos inseridos, faz pensar que:

o desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambigüidade entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver. (LOURO, 2004, p. 21)

Neste sentido Helio Silva (1993, p.10) diz o seguinte sobre as travestis: “Sua infração maior não consiste, no entanto, somente na usurpação de um lugar ilegítimo no sistema das classificações sociais mas, principalmente, na idéia de que é possível escapar a elas, ou seja, na pretensão à transitividade que a troca incompleta de papéis deixa transparecer.”

A compreensão das problemáticas levantadas pelos autores exige a retomada das reflexões de Michel Foucault. Na História da sexualidade Vol. I – A vontade de saber, Foucault afirma que a partir do século XIX existe uma caça as sexualidades desviantes:

O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter uma forma de vida, também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa a sua sexualidade. Ela está presente nele todo, subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo da mesma, inscrita em seu pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. (FOUCAULT, 1988, p.43).



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

A travesti se torna, neste contexto, a “materialização corpórea” dos preconceitos da época na nossa realidade contemporânea, ao fazer suas modificações ela nega a heterossexualidade compulsaria e as representações para o corpo masculino, demonstrando que o masculino e o feminino são inventados diariamente nas relações sociais.

Ao denunciar as facetas do gênero estes indivíduos são marginalizados na hierarquia social baseada no homem branco, heterossexual e burguês e são transformados em objetos de rechaços, inclusive pela própria família, o reconhecimento pelos familiares nem sempre ocorre, mas quando acontece traz alterações na própria relação entre os envolvidos, neste sentido Jennifer me conta:

Meus irmãos hoje me chamam de Jennifer, então a gente tem um respeito, alguém liga na minha casa e fala: A Jennifer esta em casa? A Jennifer não está, ou a Jennifer saiu, então ela já soube aceitar que ela tem uma filha dentro de casa... desde que vem o respeito da família por você, eu acho que é gostoso, você se sente bem, então eu acho que fica uma coisa mais completa.

O respeito mencionado por Jennifer é o que muitas travestis sonham em encontrar, ser reconhecido como “alguém” e não como “algo”, faz parte da luta diária destes sujeitos, Rafaela desabafa “a gente sempre tenta mostrar o lado bom, para não mostrar o lado ruim, entendeu? Mas ser travesti não é fácil, tem ora que é muito triste, né?”

As exclusões sofridas pelas travestis revelam as facetas de poder instauradas socialmente tão analisadas por Foucault, a travesti ao utilizar das técnicas médicas para transformar o seu corpo, permite que seu ato seja interpretado como uma subversão à ordem dos sexos e dos corpos e proporciona prazer para si. Tal mecanismo remete as afirmações de Foucault sobre como o prazer e o poder utilizam-se um do outro para se difundir em nossa sociedade: “Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou resistir” (FOUCAULT, 1988, p.45). A estas relações que o ato de travestir da travesti obedece e comunica.

Ao modificar seu corpo, a travesti subverte as regras corporais, demonstrando que é necessário:

percebê-lo não apenas vinculado a sua natureza biológica, mas construído na pele e na cultura. É perceber sua provisoriedade e as infinitas possibilidades de modificá-lo, aperfeiçoá-lo, significá-lo e ressignificá-lo. É sobretudo, entender que sua construção é constantemente atravessada



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

por diferentes marcadores sociais como por exemplo, raça, gênero, geração, classe social e sexualidade. (FIGUEIRA, 2007, p. 126)

Os marcadores de diferença ficaram visíveis nas entrevistas, Jennifer por ter 28 anos, já ter ido para a Europa e ser casada, tem o corpo mais “tecnológico” dentre os sujeitos entrevistados, o mesmo não acontece com Rafaela, garota de programa das avenidas de Maringá, com o corpo produzido somente com a ingestão de hormônios; Asahi, estudante universitária, no entanto, encontra-se no início de sua transformação, com outros objetivos de vida e realidade social distinta dos demais entrevistados, já que não precisou fugir de casa para viver a sua vida plenamente, nem tão pouco fazer programas.

Talvez, esta reflexão de Foucault, bem represente as questões levantadas por nosso objeto de pesquisa:

De certa forma, é o corpo que faz a lei para o corpo. Contudo, a alma tem seu papel a desempenhar, e os médicos a fazem intervir: pois é ela que incessantemente se arrisca a levar o corpo além da sua mecânica própria e de suas necessidades elementares; é ela que incita a escolher momentos que não são apropriados, a agir em circunstâncias suspeitas, a contrariar as disposições naturais.(FOUCAULT, 1985, p. 136)

Em síntese o que as travestis demonstram é que o corpo tem sua definição no âmbito da cultura, que é influenciado por valores sociais, morais e avanços tecnológicos, deixando visível assim, que as técnicas médicas contemporâneas podem servir para a criação de novos “tipos” e “sentidos” para os corpos e suas representações.

Corpo, moda e gênero.

A utilização da indumentária feminina é um dos primeiros aspectos utilizados pelas travestis para a transformação de seus corpos, este fator foi também abordado por Araujo Junior (2006 p, 61), segundo ele “a fabricação da feminilidade, neste caso, ocorre não só sob a pele, mas nos próprios adereços e roupas com que se adornam; na verdade, é com a apropriação dos vestuários e gestos femininos que se inicia o processo de metamorfose, num travesti.

A medicina e a indumentária se constitui para travesti em instrumento transformador do seu corpo. Nas entrevistas, foi notável a importância destes artefatos na transformação. Asahi pensa o seguinte sobre as roupas: “E a roupa é isso (complementa o corpo), tem umas que tem o péssimo habito de não saber ser exatamente feminina, mas sim uma caricatura”. Deste modo, estes sujeitos ao utilizar da moda contrapõem idéias,

imagens e representações relacionadas à fixidez dos sexos, corpos e os gêneros, as quais remetem às possibilidades de experimentação e vivência do corpo de forma distinta da instaurada socialmente, Katz (2008, p.69) neste sentido afirma: “Um corpo nunca existe em si mesmo, nem quando está nu. Corpo é sempre um estado provisório de coleção de informações que o constitui como corpo”.

Assim, Hollander (1996, p. 17), ao estudar as diferenças que as roupas produzem nos sexos, notou que a “excitação popular atual com o transexualismo no vestir mostra apenas quão profundamente acreditamos ainda em separar simbolicamente as roupas dos homens e das mulheres, mesmo que em muitas ocasiões ambos se vistam da mesma forma”.

As reflexões de Oliveira ajudam a entender esse ato de travestimento do corpo:

Assim, o sentido de uma roupa só se completa ao vestir num corpo quando, o que determinamos por um sintagma composto, o corpo *vestido* assume a sua plena competência para atuar. Pelos seus atos, o corpo vestido realiza a sua grande performance em situações concretas do seu contexto social que é a de produzir uma visualidade para o sujeito. (OLIVEIRA, 2008, p.93).

Helio Silva (1993, p.37) ao abordar a importância da indumentária para as travestis, mostrou que “o principal trabalho do travesti é a correção de sua própria natureza. Ele tem do toureiro a coragem viril e intemorata, associada a delicadas e femininas preocupações com a aparência e o vestuário”. Esta preocupação em produzir significados para a aparência pautadas em uma feminilidade hegemônica e delicada foi sentida em nossa pesquisa de campo, quando Asahi me diz o seguinte sobre algumas travestis : “que nem estas travas meio *drags* faz, você se super lota de símbolos femininos, seião, bocão, peitão, bundão, não, sabe? Saltão, acho que você não precisa muito disso, porque você vai acabar sendo uma caricatura, e caricatura não convence, convence? Não convence.”

Sendo assim a utilização de roupas e acessórios femininos pelos nossos sujeitos permitem interpretar o ato de vestir como um momento importante na desconstrução da matriz heterossexual, as quais são orientadoras das práticas vestimentares presentes na sociedade. Nas palavras de Butler, encontramos o sentido de tal matriz:

[..] modelo discursivo/epistemológico hegemônico daí inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade (BUTLER, 2003, p.216)

Ao utilizar as vestes femininas as travestis deixa visível que as roupas definem muito das representações que temos sobre feminino e masculino, neste sentido Helio Silva (1993, p.115) nos fala [referindo-se à um individuo praticante de *crossdressing*], “Vestindo-se com as roupas da irmã, R. faz mais do que simplesmente romper os limites das classificações que o definem como homem. Ao deixar entrever por sob as vestes femininas suas pernas inconfundivelmente másculas, ele representa, na verdade, a própria representação.” Em outro momento, afirma: “A singela pergunta com que roupa? Se adensa e se torna dramática quando traduzida para seu aprofundamento lógico: com que corpo?” A questão sugerida pelo autor pôde ser explorada em nosso estudo: que o corpo e o sexo são produto de uma construção e que a medicina e a indumentária podem ser construtoras de corpos nômades e provisórios.

Porém a utilização somente da indumentária feminina não satisfaz as exigências corporais definidas pelos sujeitos para eles mesmos, Asahi me diz o seguinte sobre isso: “Às vezes eu tenho crise de identidade mesmo, a roupa ela não vai me trazer conforto, entendeu? É um conforto que não é permanente. Porque pelado você continua sendo uma mulher”. Na fala da entrevistada podemos notar a necessidade e importância que hormônios, próteses e indumentária tem para a construção do corpo da travesti, estes três fatores caminham juntos para a efetivação da imagem do feminino

Sendo assim, indumentária e gênero constitui-se em um dos aspectos da aparência da travesti, ela demonstra que a fixidez da dicotomia sexo e gênero são mais uma das grandes representações da sociedade para a definição do “que é correto” e “o que não é”, influenciados pelas lutas travadas por poder e hierarquização dentro da grande roda da história. Que ser homem e ser mulher atinge definições distintas em contextos sociais distintos e que atributos de masculinidades e feminilidades são criados diariamente nas relações sociais.

Conclusões

Este texto teve como objetivo dimensionar e discutir a corporalidade da travesti produzida por meio da medicina e da moda, buscamos discutir como é “fabricado” o corpo da travesti em seus diálogos e representações de gênero. Podemos afirmar ao final deste

texto, que as transformações corporais e visuais caminham juntas no travestir da travesti, criando sujeitos modificados, cujas práticas e representações permitem questionar premissas e balizas naturalizantes que relacionam o sexo, corpo e as roupas. Ao produzir o seu corpo ela destrói as definições do homem universal, branco, macho e heterossexual e as definições que temos para os corpos e os sexos.

Os resultados parciais da pesquisa permitem concluir que o corpo é produzido de acordo com o desenvolvimento da sociedade e da cultura, juntamente com as nossas referências de masculino e feminino. As travestis demonstram com suas práticas de vestir e de mudanças corpóreas que o sexo biológico determina apenas uma pequena parte anatômica do corpo, porém as definições do que é ser homem e mulher é construído diariamente nas relações sociais. O que esses personagens evidenciam é que ser homem ou ser mulher não é algo natural, mas um aprendizado que se move no longo processo de educação do corpo. O que elas demonstram que todos nós somos apenas reflexos de ideais de masculinos e femininos.

Talvez, por isso, recaiam sobre as travestis muitos preconceitos e mitos: elas são figuras questionadoras das associações entre corpo, roupas, gestos, comportamentos e os gêneros.

Referências.

ALBERTI, Verena. Fontes orais. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla et.all. (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ARAUJO JUNIOR, José Carlos de. **A metamorfose encarnada: travestimento em Londrina (1970-1980)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo. 2006.

BENTO, Berenice. Performances de gênero e sexualidade na experiência transexual. In: LOPES, Denílson et. al. (orgs.) **Imagem e diversidade sexual: Estudos da homocultura**. São Paulo: Nojosa, 2004.

_____. Corpos e Próteses: dos Limites Discursivos do Dimorfismo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7. Sexualidades, corporalidades e transgêneros: Narrativas fora da ordem. (ST16). Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Berenice_Bento_16.pdf>. Acesso em 21 maio, 2010 às 17:41.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.115, mar./2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em 29 abr. 2008 às 13:22

ESQUIVEL, Talita Gabriela Robles, SANT'ANNA, Antonio Carlos Vargas. Corpo Modificado. In: SEMINARIO INTERNACIONAL FAZENDO GENERO 8. Corpo, Violência e Poder. Disponível em: <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST47/Esquivel-SantAnna_47.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2010, às 17:58.

FIGUEIRA. Márcia Luiza Machado. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In. LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, Gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. 3ª edição. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, vol. 1 - A Vontade de Saber**. 13ª edição. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, vol. 3 – O Cuidado de Si**. 1ª edição. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. **Corpo, Gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na educação**. LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). 3ª edição. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

KATZ, Helena. Por uma teoria crítica do corpo. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CASTILHO, Kathia (org). **Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo**. SP: Estação das Letras e Cores, 2008. p. 69-74.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, Ana Claudia. Visualidade processual da aparência. In: Ana Claudia; CASTILHO, Kathia (org). **Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo**. São Paulo: Estação das letras e cores, 2008. p. 93-103.

PELUCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200009> Acesso em 15 de mar. de 2010, as 14:20h.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. 7ª edição. Rio de Janeiro: FioCruz, 2006

SILVA, Hélio R. S. **Travesti, a invenção do feminino**. Rio de Janeiro, Relumé-Dumará, 1993

TOURTIER-BONAZZI, de Chantal. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Marieta (org.). **Usos & abusos da história oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.233-245.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br